



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTE
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
BACHARELADO EM RADIALISMO

VELCRO: CONVERSA COM SAPATONAS SERTANEJAS

JULIANA RODRIGUES DE MIRANDA

JOÃO PESSOA

2019

JULIANA RODRIGUES DE MIRANDA

VELCRO: CONVESA COM SAPATONAS SERTANEJAS

Relatório que compõe o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação, Curso de Radialismo, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Radialismo.

Orientadora: Profa. Dra. Isabella Chianca
Bessa Ribeiro do Valle

Coorientadora: Me. Isadora Texeira de Lira

JOÃO PESSOA

2019
JULIANA RODRIGUES DE MIRANDA

VELCRO
conversa com sapatonas sertanejas

Relatório que compõe o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação, Curso de Radialismo, da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Radialismo.

João Pessoa, ____de _____ de 2019.

Banca examinadora

Prof. Dr. Alan Mangabeira Mascarenhas

Profa. Dra. Isabella Chianca Bessa Ribeiro do Valle

Prof. Dra. Suelly Maria Maux Dias

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha tia avó, Laís Rodrigues, que mesmo sem entender o meu jeito e minhas atitudes sempre me apoiaram e me deram forças para continuar a estudar. Tia, este trabalho e esta conclusão de curso são primeiramente para a senhora, agora você vai poder mostrar para sua família tradicional interiorana que eu fui capaz do que eles sempre falaram que eu não era.

Não posso esquecer das minhas amigas, são elas que me fazem ser uma mulher melhor a cada dia que passa. Isadora Lira, Thayse Rocha, Luana Silva, Lívia Costa, Jéssica Lamara e Júlia Rensi. Aprendi e aprendo todo dia com vocês, sou uma pessoa realizada de ter pessoas maravilhosas como vocês junto a mim.

Agradeço também a minha companheira, Letícia Freitas. Essa mulher que me aguentou e me deu apoio nesse momento tão decisivo na minha vida. É muito bom poder amar uma mulher como você.

Por fim agradeço a minha orientadora Isabella Valle que mesmo sem me conhecer aceitou entrar nessa jornada comigo. Obrigada por cada palavra, pela paciência e por cada incentivo.

RESUMO

Este relatório se refere ao processo de realização de um documentário de curta duração, denominado Velcro (19 minutos e 33 segundos, 2019), que aborda a vivência de mulheres homossexuais, as lésbicas, ou, no termo popular, sapatão/sapatonas, nas cidades nordestinas, interioranas e sertanejas de Caicó (RN) e Patos (PB). Através de entrevistas e vivências com cinco mulheres, o filme trata sobre o processo de reconhecer-se sapatão de cada uma, a vivência dessa orientação sexual e busca apresentar suas percepções acerca da visibilidade ou invisibilidade de sua orientação sexual dentro do contexto afetivo/familiar e social.

Palavras-chave: Sapatão. Mulheres Sertanejas. Visibilidade lésbica

RESUMEN

Este informe se refiere al proceso de uno documental de corta duración, llamado Velcro (19 minutos y 33 segundos, 2019) que aborda la vivencia de las mujeres homosexuales, las lesbianas, o, en el término popular, marimacho, en las ciudades en el noreste, campestres y pueblerinas en Caicó (RN) y Patos (PB). A través de las entrevistas y la vivencia con cinco mujeres, el documental aborda el proceso de reconocerse lesbiana de cada una de ellas, la vivencia de esa orientación sexual y busca introducir sus percepciones sobre la visibilidad o invisibilidad de su orientación sexual dentro del contexto afectivo/familiar y social.

Palabras-clave: Marimacho, Mujeres Pueblerinas, Visibilidad lesbiana.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL.....	12
3 A FILHA DE LARISSA QUER SER HOMEM: GÊNERO E SEXUALIDADE.....	13
3.1 SIGA BEM CAMINHONEIRA.....	15
3.2 LÉSBICAS SERTANEJAS.....	16
4 VELCRO.....	17
4.1 PRÉ PRODUÇÃO.....	17
4.2 PRODUÇÃO.....	19
4.3 PÓS PRODUÇÃO.....	21
4.3.1 TRILHA SONORA.....	22
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

A história das mulheres lésbicas é atravessada por contínuas tentativas de invisibilização, seja através do não reconhecimento das nossas existências que, por se voltar para e por mulheres, atenta contra o princípio fundamental de um sistema patriarcal. A poeta e ativista feminista lésbica Adrienne Rich (2012) utiliza a expressão *existência lésbica* para contrapor aos processos históricos de apagamento desses indivíduos na história e identifica como a ruptura de um tabu e, ao mesmo tempo, a rejeição a um modo compulsório de vida. Para Rich, a imposição da heterossexualidade compulsória às mulheres é um mecanismo de controle de corpos das mulheres. Por isso, argumenta que existência lésbica tem sido vivida sem que tenhamos acesso a conhecimento de tradição, continuidade ou esteio social (RICH, 2012). Tal apagamento se dá através da destruição de registros, memória, cartas e demais documentos que retratem a história das mulheres lésbicas. Esses processos de invisibilização dialogam com a noção de *memoricídio* (DUARTE, 2019), que se refere ao constante apagamento das mulheres na história e nas mídias. A tentativa de equacionar as experiências de mulheres homossexuais com as experiências de homossexualidade masculina são, para Rich, tanto uma forma de destituir as lésbicas de sua existência política, como mais um apagamento da realidade feminina. Lutamos e resistimos para que nossas vozes ecoem.

O Brasil lidera o ranking mundial de violência contra a população LGBT¹². Nós lésbicas somos representadas na primeira letra da referida sigla, que abarca o movimento social e político que luta pelo fim da invisibilização destes grupos de pessoas que possuem um perfil de gênero e/ou sexualidade considerados desviantes das normas cis-hétero-normativas que regem as sociedades patriarcais, mas ainda estamos às margens dessa discussão. Nossa letra apresenta os menores índices de lgbtfobia³⁴, mas isso está longe de sinalizar algum tipo de privilégio ou avanço. A subnotificação desses dados é apenas mais um sintoma de nossa invisibilidade. De acordo com o Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil (DIAS, PERES e SOARES, 2018), publicado em 2018, que tem como principal fonte o artigo Lesbocídio: As histórias que ninguém

¹ LGBT é a sigla de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. A sigla possui variações e é dividida em duas partes. A primeira, LGB, diz respeito à orientação sexual do indivíduo. A segunda, TQI+, diz respeito ao gênero. No decorrer do relatório irei utilizar as variações dessa sigla referente a cada questão do momento.

² Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/assassinatos-de-lgbt-crescem-30-entre-2016-2017-segundo-relatorio-22295785>>. Acessado em 24 de agosto de 2019.

³ Termo usado para se referir ao preconceito à população LGBT em geral.

⁴ Disponível em: <<https://www.politize.com.br/lgbtfobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/>>. Acessado em: 24 de agosto de 2019.

conta (2018), uma das causas de lesbocídio é o crime de ódio coletivo e o suicídio. De acordo com Costa (2019, p.12), isso deriva da ausência de referenciais positivos sobre si mesma, consequentemente, nós mulheres lésbicas seguimos tendo pouca quantidade de registros históricos e dificuldade de acesso a leituras sobre a nossa identidade, o que dificulta nossa aceitação identitária. Isso é invisibilidade.

O histórico de invisibilização remonta ao período inquisitorial. De acordo com Brown (*apud* LESSA 2007, p.40), as mulheres que se relacionavam com mulheres eram tão demoníacas e tão satânicas, que foi preferível não as nomear, por isso as palavras sodomia, fornicção, corrupção, vício ou impureza se referiam aos atos considerados pecaminosos entre as mulheres. As lacunas na história das existências lésbicas denunciam o contínuo processo de silenciamento e invisibilização dessas sujeitas. De acordo com Rich (2012 p.20) a existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Amar uma mulher é um ato político e revolucionário, porque Segundo Swain (2004, p.13) “a existência lésbica representa a desestabilização e o caos na ordem "natural" e "divina" da heterossexualidade dominada pelo masculino.”

Selem (2007, p.125) questiona a pretensa equivalência da homossexualidade masculina com a feminina, “não somos meninas gays, somos lésbicas”. A recusa do termo reivindica a existência de uma sujeita política exclusivamente pautada na categoria mulheres.

A representação pornográfica das relações lésbicas tampouco facilita as vivências dessas sujeitas.

Como influência sobre a consciência, a função da pornografia é atualmente uma grande questão pública de nossos tempos, quando uma indústria multibilionária tem o poder de disseminar imagens visualmente degradantes, crescentemente sadísticas das mulheres. Contudo, mesmo a propaganda e a pornografia, digamos, “leves”, apresentam as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade – essencialmente como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens. A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado (RICH, 2012, p.10).

No dia 08 de agosto de 2019, a empresa Google⁵ anunciou o concerto em seu algoritmo para que a palavra *lésbica* não seja mais sinônimo de conteúdo sexual ao digitada⁶⁷. Porém antes dessa data, ao realizar uma busca no mesmo mecanismo pelas palavras *homossexual* ou *trans*, os primeiros resultados levavam à Wikipédia ou a páginas de informação e não a conteúdo sexual. Não será esse tipo de ato uma violência e invisibilidade? Que tipo de imagem da lésbica é passada para a sociedade?

Existe uma profunda escassez de produções teóricas e audiovisuais acerca da lesbianidade, mas também existem iniciativas para pautar essas existências lésbicas em outros lugares. No dia da visibilidade lésbica do ano de 2018, o Cineclube Quase Catálogo, em parceria com o Cineclube LGBTQ+, promovem a sessão Curta Sapatao⁸: mini mostra de Cinema Lésbico no Rio de Janeiro. O tema de invisibilidade lésbica é um assunto que é pertinente para a comunidade, por isso mesmo, a necessidade de se pautarem essas existências lésbicas fora do eixo das metrópoles.

A ideia de produzir um documentário sobre as lésbicas começou após a uma ida a uma mostra de filmes LGBTQ+ no cinema Aruanda na Universidade Federal da Paraíba. Percebi que não existia filme algum falando sobre as mulheres lésbicas e isso me intrigou. Por que em uma mostra de filmes LGBTQ+ não existia nenhuma representatividade lésbica? A partir daí pensei em desenvolver esse filme documentário.

Se trata de um documentário porque é o formato que tem a capacidade trazer personagens reais falando livremente sobre si mesmas. Diferente da ficção em que as cenas são montadas para transparecer realidade.

Pela capacidade que têm o filme e a fita de áudio de registrar situações e acontecimentos com notável fidelidade, vemos nos documentários pessoas, lugares e coisas que também poderíamos ver por nós mesmos, fora do cinema. Essa característica, por si só, muitas vezes fornece uma base para crença: vemos o que estava lá, diante da câmera, deve ser verdade (Nichols, 2010, p. 28).

⁵ Google é uma empresa multinacional de serviços online e software dos Estados Unidos. O Google hospeda e desenvolve uma série de serviços e produtos baseados na internet e gera lucro principalmente através da publicidade pelo AdWordsGoogle.

⁶ Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/08/tecnologia/1565280236_871191.html?%3Fssm=TW_BR_CM&hootPostID=5af78f5606c0aecc0f75881771010701>. Acessado em: 19 de agosto de 2019.

⁷No dia que foi anunciada essa notícia realizei o teste em mecanismo de busca e percebi que as alterações eram reais. Porém, no dia 04 de agosto de 2019 ao realizar novamente a pesquisa, percebi que o erro continua. A questão é, que Segundo Silveira (2019) algoritmos são “rotinas finitas e logicamente encadeadas que realizam tarefas a partir de informações que recebemos”.

⁸Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/2018/09/01/mostra-curta-sapatao-reinvidica-a-presenca-lesbica-no-audiovisual/>> acesso em 24 de agosto de 2019

O documentário busca retratar a realidade, mas o produto desde sua filmagem, montagem e edição passa por um filtro, o da visão da diretora, sendo mais adequado, portanto, utilizar o termo “interpretação da realidade”.

Não sou sertaneja de nascença, mas sou de criação. E a vontade de explorar esse tema no sertão encheu meu coração, pois a vida no sertão não é a mesma da capital, os olhares julgam de uma forma mais feroz, principalmente quando se vive numa cidade com apenas 44.710 mil habitantes. Com dez anos de idade fui morar na cidade onde minha mãe nasceu, Currais Novos, no Rio Grande do Norte. Com quinze anos de idade tive o meu primeiro beijo lésbico e foi daí que minha vida mudou completamente. Todas as referências que eu tinha de sapatão⁹ na época eram as sapatões mais velhas da cidade, aquelas que fugiam do padrão de feminilidade e que sempre os comentários sobre elas eram extremamente negativos. Lembro-me bem do meu primeiro relacionamento lésbico, infelizmente não podíamos sair nas ruas da cidade sem escutar comentários desagradáveis. O pior era a fofoca¹⁰. Muitas pessoas usaram da minha condição para atacar diretamente a profissão de minha mãe, que atuava como psicóloga na cidade. Ao retornar para João Pessoa já com dezessete anos, ingressei na universidade e, através de movimentos sociais e principalmente de amigas lésbicas, consegui obter mais informações e entender mais sobre minha sexualidade, já que no interior do Rio Grande do Norte eu não tinha nenhuma referência sobre o assunto.

Então no documentário entrevisto junto com minha equipe, Isadora Lira e Letícia Freitas, cinco mulheres (Jéssica Lamara, Mariana Leite, Mislene Fernandes, Sayô Silfer e Rose Teotônio) sertanejas do interior do Rio Grande do Norte e da Paraíba, com o intuito de dialogar sobre suas vivências como lésbicas no sertão nordestino. Vale salientar que o documentário não tem a pretensão de ser uma representação amalgamada das experiências de sapatonas sertanejas. Todas as entrevistadas são mulheres cisgênero, por exemplo, e isso tem uma implicação para a representação deste grupo em específico. Não podemos dar conta da totalidade da categoria das lésbicas sertanejas, tampouco temos esta pretensão. Esse documentário se propõe a ampliar os registros sobre as existências lésbicas. Ressaltamos que todas as entrevistadas são mulheres sertanejas, lésbicas e cisgêneros, o que implica em um recorte limitado que não contempla a pluralidade das existências lésbicas possíveis,

⁹ Termo popular para referir-se à mulher lésbica.

¹⁰ Termo popular utilizado para referir-se a afirmações de fatos não concretos, especulações em relação da vida alheia. Divulgação de fatos verídicos ou não de outra pessoa.

por mais que não englobe tantos outros atravessamentos de identidade, possuem perfis de raça, idade e classe, por exemplo, variados entre si. No decorrer do relatório irei abordar teoricamente questões sobre gênero e sexualidade, documentário audiovisual e partilhar o processo de realização do filme *Velcro* (19 minutos e 33 segundos, 2019), desde sua pré-produção até sua finalização.

2 DOCUMENTÁRIO AUDIOVISUAL

A definição de “documentário” não é mais fácil do que a de “amor” ou de “cultura” (Nichols, 2010, p.47), mas o gênero pode ser definido como a inscrição do real em sua potência e complexidade. Ao vivermos na realidade somos cercados de símbolos que interferem em nossas interpretações, é nessas bases que vive a linguagem audiovisual. Os roteiros são escritos e a partir de técnicas eles serão interpretados visualmente. O filme será ainda reinterpretado pelos espectadores que julgam as imagens, ao menos quando estas lhe parecem passíveis de subjetividade. Sendo assim, fazer um documentário é admitir o entendimento de uma dupla realidade: de um lado, a existência dos corpos e narrativas independentes do dispositivo e, do outro, o registro desses mesmos em um início, meio e fim que será montado posteriormente.

Normalmente o documentário não possui a mesma estrutura de filmes de outros gêneros audiovisuais. Não contém plot twist ou momentos específicos para avançar na trama. Independentemente do tema tratado, somos capazes de identificar e diferenciar um documentário de outros tipos de produção audiovisual (MELO, 2002, p. 2). Contamos com a naturalidade e a narrativa real da vivência de cada momento captado. Nosso objetivo é tanto resgatar como registrar a história presente das mulheres lésbicas. Consciente da parca representatividade no gênero ficcional - ou da representação sob o olhar masculino -, buscamos nesta obra um trabalho em direção ao reconhecimento da existência lésbica, e, neste sentido, com a aproximação de mulheres que existem e resistem. Segundo Peixoto (2015, p.68) ao assistirmos um documentário já estamos supondo que o filme consiste numa narrativa que faz “asserções e postulados sobre o mundo vivido, em um contexto completamente diferente do qual interpreta as narrativas ficcionais.”

Mas não podemos esquecer que também existem falsos documentários, mais conhecidos como documentário ficcionais. Um grande exemplo desse tipo de documentário é A Bruxa de Blair (Eduardo Sanchez e Daniel Myrick, 1999). Para dar credibilidade à história os diretores criaram site com informações da bruxa, utilizaram também de publicidade para tornar pública a situação dos três cineastas que desapareceram tragicamente. O conceito utilizado de *found footage*¹¹ aproximou ainda mais o telespectador tornando a experiência ainda mais real.

¹¹ Trata-se de um filme se passando por um documentário filmado com uma simples filmadora.

O fato principal de termos escolhido o documentário como gênero audiovisual se deu pela possibilidade de trazer personagens e falas reais e espontâneas, a partir das experiências vividas e narradas pelas entrevistadas com certa liberdade. Realizamos entrevistas com mulheres que não interpretam outras personagens se não a si mesmas e as gravações aconteceram em residenciais de amigos. Também acreditamos que ecoar a dessas sujeitas é dar voz às suas histórias. Portanto, o documentário *Velcro* (19 minutos e 33 segundos, 2019), a partir das explanações acima, é um filme impulsionado por um discurso político que foi conduzido pelas próprias personagens, e não inclui um narrador.

3 A FILHA DE LARISSA QUER SER HOMEM: GÊNERO E SEXUALIDADE

É importante começar esse tópico esclarecendo de forma simples a diferença entre sexo e gênero. Sexo pode estar atrelado às supostas características biológicas, embora esse assunto seja continuamente discutido. Neste relatório, nos interessa tratar do que se refere ao gênero enquanto construção social. No clássico *O Segundo Sexo* (1967), Beauvoir aborda como ser mulher é uma construção social, um *outro* em relação ao homem. Beauvoir o faz ao desenvolver as distinções desde o nascimento até a vida adulta, sobre as expectativas implicadas e as formas permitidas de se experimentar o mundo para os dois gêneros. Tornar-se mulher, de Beauvoir, não é, no entanto, a mesma experiência que no interior da Paraíba, em Patos. Mas o texto de Beauvoir importa para ampliar a percepção de que gênero não é uma questão genitalizante e sim uma série de processos sociais que são implicados nos indivíduos. Tais fêmeas e tais machos passam a ser, respectivamente, chamados de mulheres e homens - assim fomos designados ao nascer, assim somos olhados, avaliados. (SWAIN, 2004, p.16).

Segundo Scott (1989, p.21) “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseados nas diferenças que distinguem os sexos (masculino e feminino), como uma forma primária de relações significantes de poder”. Identidade de gênero refere-se à qual gênero o indivíduo se identifica, enquanto sexualidade se refere à orientação sexual, o que nada implica com identidade de gênero.

Ao viver em uma sociedade, as questões de gênero envolvem-nos sem nos darmos conta (Mendonça, 2010, pg.1). No documentário *Velcro* tratamos o assunto “infância” e nos deparamos com alguns depoimentos relacionados a brincadeiras infantis que pela sociedade são consideradas do gênero masculino, mas que eram de

agrado das mulheres entrevistadas. Percebemos a homogeneidade nas designações de brincadeiras para meninos: jogar bola, ou bolinha de gude, muitas vezes em público, o direito à sair na rua desde criança. Quanto às meninas as brincadeiras deveriam ser com bonecas ou em casa. Isso se chama papel social de gênero. O papel social de gênero é o que a sociedade dita ser 'coisa de mulher' e 'coisa de homem', são características pelas quais homens e mulheres foram designados a cumprir por questões culturais e também por questões de poder, já que estamos argumentando aqui que a construção desse papel social de gênero envolve fielmente o poder ao patriarcado. É o que vai pautar o que é feminino e o que são práticas de feminilidade e o que é masculino e o que são práticas de masculinidade. Não é muito difícil imaginar o que é produzido para ser brinquedo de menina e brinquedo de menino. Segundo Angers (*apud* MENDONÇA, 2010, p.2) “esse tratamento diferenciado tem um poderoso efeito na criança, pois é por meio dele que ela percebe tudo o que deve fazer para se conformar com o gênero masculino ou feminino.”

Seja negar usar um vestido ou brincar de uma forma que não seja designada como feminina, tais atitudes tornam-se uma maneira de negar essa submissão aos papéis de gênero. Falar de questões de gênero é ao mesmo tempo falar sobre relações de poder. Segundo Costa (2008, p.4), “na medida em que as relações existentes entre masculino e feminino são relações desiguais, assimétricas, mantém a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal.”

Quando criança nunca me senti encaixada em um padrão de feminilidade, minhas amigas até completar quinze anos sempre foram todas masculinas. A minha avó em um certo momento de minha infância, me presenteou com um carrinho de controle remoto e por isso fomos muito julgadas dentro da família do meu pai. Por não corresponder às expectativas da minha família paterna, até hoje sou vista por alguns parentes como estranha e a prima com que todos devem ter cuidado.

3.1 SIGA BEM CAMINHONEIRA

Segundo Wittig (*apud* COSTA 2019, p.24) essa recusa dos padrões de performance de gêneros designados para as mulheres, “não significa que queremos ser reconhecidas como homens”. É a partir dessa recusa que surgem palavras que são usadas de forma negativa para nos rotular, como “sapatão”, “macho fêmea”, “chupa charque”, “cola velcro”, “fancha” e entre outras.

Segundo o Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil, em 2014, 47% dos casos de lesbocídio foram cometidos com lésbicas que não performavam feminilidade. No filme *Velcro*, Mislene Fernandes fala sobre a higienização do termo “lésbica”. Ela explica que esse tipo de nomenclatura é utilizada para definir não só a orientação sexual de uma determinada sujeita, mas também está para marcar raça e classe. É importante lembrar da morte brutal de Luana Barbosa, sapatão negra e que não performava feminilidade. O racismo e a lesbofobia juntos dificultam ainda mais as possibilidades de existência para as lésbicas negras.

O arquétipo da *butch* tem sido a representação dominante para lésbicas, sendo popularizada na década de 50 entre as jovens subculturas lésbicas da classe operária. Em contraposição a figura da *butch* constrói-se a figura da *femme*, a mulher feminina, que nem sempre se encara como lésbica (Halberstam *apud* SOARES e COSTA, 2012)

Mas precisamos também dizer que nem todas as lésbicas necessariamente vão se comportar dentro de todos os padrões conhecidos de masculinidade ou fugir totalmente da performatividade da feminilidade. Todos nós, homens e mulheres, cis e trans, homo, hétero ou bissexuais, devemos poder circular com liberdade e conforto pelos comportamentos que nos couberem melhor. Contudo, o que a lésbica faz é romper com o maior papel de gênero de todos, aquele que pauta a cis-hétero-normatividade do padrão linear e binário da lógica sexo-gênero-sexualidade: a própria sexualidade. O que é preciso entender é que gostar de mulheres e se relacionar afetiva e sexualmente com mulheres também pode ser (e é) coisa de mulher.

De acordo com Soares e Costa (2012, p.2) “A relação entre o feminismo e lesbianidade tem sido historicamente marcada por tensões localizadas no campo epistêmico e no político”. Mulheres feministas (que não correspondem ao padrão de feminilidade heteronormativo) sempre foram alvo de ataques por não seguirem esse padrão. Soares e Costa (2012) citam que o estereótipo negativo criado das lésbicas “cumprir a função política e pedagógica de alertar as mulheres para o perigo da perda da feminilidade”. Acontece que é isso que somos: mulheres lésbicas. O que para algumas é um grande insulto para nós é realidade, é o que lutamos todos os dias para resistir e existir nesta sociedade.

3.2 LÉSBICAS SERTANEJAS

Conhecido desde antes da chegada dos portugueses, cinco séculos depois “sertão” permanece vivo no pensamento e no cotidiano do Brasil (AMADO, 1995, p.1). No período colonial brasileiro, a palavra “sertão” era frequentemente empregada para se

referir as terras ainda não exploradas do interior do país, pouco habitadas, de difícil acesso e, por isso, pouco desenvolvidas e longe do litoral. Segundo Barroso (*apud* FILHO 2011, p.2), a palavra portuguesa “sertão” nada mais é do que a abreviação da palavra “desertão”. Mas deserto de que? Pois essas áreas já eram habitadas por povos indígenas, então não falamos aqui de deserto físico, mas sim da ausência de padrões coloniais da época. A conquista desse território “sertão” se deu devido aos confrontos dos colonizadores portugueses com os indígenas.

O sertão nordestino ainda no século XXI é representado e vivido por seus habitantes como uma área tradicional e extremamente patriarcal, existem, contudo, resistências a esse patriarcalismo. Sejam as mulheres que não se dobram às imposições sociais, papéis de gênero, sejam demais existências transviadas, transviantes que resistem há muito pelas terras sertanejas. Mas para entender esse assunto precisamos contextualizar na História como surge esse padrão conservador no interior. Essas regiões do nordeste, que possuem um clima semiárido, passam pelo processo da seca que por várias vezes ao ano atinge essas regiões. Devido a essa condição natural da região, era comum, segundo Júnior (2011, p.2) que os homens, principalmente das famílias pobres, se deslocassem para outras regiões em busca de trabalho e sustento para a família.

Com as construções de papéis sociais de gêneros repassados ao longo dos tempos, surge a figura do “cabra macho” e ao feminino resta apenas a submissão e o abandono. A seca, por vezes abordada como um “problema” é uma realidade presente no sertão há muito, e é também um projeto político, visto que a forma como o mesmo fenômeno continua a causar os mesmos problemas na população persiste. Como sendo um local ainda mais subdesenvolvido comparado às metrópoles é importante entender que esse papel social de gênero é muito forte nessa região.

Romper com os padrões impostos no sertão nordestino é uma maneira complicada de se viver, pois fere de frente o sistema patriarcal dominante há séculos. Jéssica Lamara, uma das personagens entrevistadas no documentário Velcro, aponta que já foi mais difícil ser uma mulher sapatão em Caicó (RN). Ela conta que antigamente as lésbicas da cidade eram mais recolhidas e que atualmente a sociedade já enxerga com um pouco mais de tolerância as pessoas que possuem orientação sexual que não seja hétero, já existem mais lugares e lazer específicos para a população LGBT. Já Mislene Fernandes faz um analogia de lugares públicos e privados citando um antigo espaço denominado por ela e por outras mulheres de “A lagoa”. Esse nome era utilizado por

analogia à palavra sapa, feminino de sapo (animal que habita a lagoa), mas redutivo de sapatão. Também por conta da ideia de sapa, elas se chamavam de cururu (sinônimo de sapo na região). Era um espaço privado, longe de vistas curiosas. Esse local era a casa de um amigo que por entender a situação dessas sujeitas, abriu as portas de sua casa para ser um ponto de encontro.

Já em Patos (PB) a situação era um pouco mais diferente. Rose Teotônio ao terminar os estudos em João Pessoa (PB) e se mudar para a cidade interiorana com dezesseis anos, sentiu a falta de um espaço onde as sapatões pudessem se encontrar, ou como denominado por ela o grupo GLS. Junto com um colega abriram o primeiro bar LGBT da cidade de Patos (PB) denominado Babados Bar. Segundo Rose, o acontecimento foi histórico na cidade e surgiu com uma série de problemáticas, nas quais a população estava relacionando o bar com a prostituição na cidade.

Acho relevante também tratar nesse tópico uma questão singular na trajetória de Rose Teotônio. Por ter aberto diversos espaços para o público LGBT na cidade de Patos, Rose se tornou uma pessoa muito conhecida. Em meados de 2014 Rose foi convidada pelo partido PSC (Partido Social Cristão) para sair como vereadora com o slogan de campanha “Pela diversidade, pela cultura, por você!”. Segundo Rose nas caminhadas pela cidade o grito que ecoava durante a sua campanha era “ão, ão, ão, vote Rose Sapatão”. Então até que ponto os representantes políticos e religiosos (sobretudo cristãos) estão interessados em dialogar com essas comunidades que são marginalizadas pela sociedade?

4 VELCRO

4.1 PRÉ PRODUÇÃO

Quando tive a ideia do documentário, o primeiro passo foi encontrar uma equipe interessada em colocar em prática tudo o que estava pensando. Primeiro comentei sobre o do documentário para Letícia Freitas, minha companheira, e após longas conversas surgiu a ideia de convidar Isadora Lira para ser minha coorientadora e para ser parte também da produção do documentário. O segundo passo foi escolher o nome para o filme. O termo "colar velcro" por muitas vezes foi/é utilizado de forma pejorativa para atacar as mulheres da comunidade lésbica. Porém, em minha própria vivência como mulher lésbica, percebi que o termo "colar velcro" foi reapropriado pela comunidade, então é um termo em que temos liberdade para usar de forma positiva entre nós.

No mês de janeiro de 2019 eu, Letícia e Isadora nos encontramos na casa de Letícia para montar o nosso primeiro roteiro de viagem e decidir quem seriam as

entrevistadas. Primeiramente entrei em contato via WhatsApp¹² com algumas amigas da cidade de Caicó (RN) para saber se elas estariam interessadas em participar do filme. Enquanto eu entrava em contato com as mulheres do Rio Grande do Norte, Isadora entrava em contato com as mulheres da Paraíba. Logo após de receber algumas respostas positivas, montamos um esquema de perguntas e combinamos de ir até as cidades das entrevistadas para conhecer as mulheres que não conhecíamos e visitar as possíveis locações. O roteiro de perguntas das entrevistas foi previamente montado por mim e Isadora, porém antes da viagem encontrei com minha orientadora Isabella para terminar de finalizar as perguntas e acrescentar mais sugestões. Estruturamos as perguntas por tópicos para que dessa forma facilitasse na hora da montagem do produto e para parecer que estávamos tendo uma conversa informal com as entrevistadas.

Entrei em contato com o professor João de Lima para conseguir alguns equipamentos da UFPB para levar na viagem. Aproveitaríamos essa primeira ida ao interior para captar algumas imagens, assim poupando tempo em nossa próxima viagem. Os equipamentos emprestados na primeira viagem foi um Cannon 5D e um gravador H4N. Como foi tudo de última hora tivemos bastante problemas com os equipamentos, a câmera solicitada foi entregue, porém estávamos sem cartão de memória, conseguimos uma bateria e infelizmente não nos atentamos em relação à lente da câmera. Enquanto estávamos na UFPB encontrei com Alfredo, o responsável pela ilha de edição do CCTA, conversamos um pouco e ele conseguiu me emprestar uma lente 50mm pessoal dele para essa primeira viagem. Também conseguimos um gravador H4N.

Saímos de João Pessoa no dia 30/01/2019 e fomos direto para Patos. Primeiro encontramos com a nossa entrevistada Rose Teotônio. Eu, Isadora e Letícia ficamos hospedadas na casa dela. No mesmo dia decidimos onde seria a locação da entrevista de Rose. Logo após, fomos até o encontro de Mariana Leite. Não tínhamos lugar certo de locação para ela, e, devido a problemas familiares da entrevistada, não podíamos gravar na casa dela, foi complicado encontrar até um lugar para conversamos. Mesmo assim decidimos que ela iria ser também uma das entrevistadas do documentário.

Dormimos em Patos (PB) e, no dia seguinte, saímos em direção a Caicó (RN) onde encontramos com Jéssica Lamara. Fomos até a casa de Jéssica e decidimos onde seria a locação da gravação. Devido a questões de horário não conseguimos nos

¹² WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.

encontrar com Mislene Fernandes, então ficou decidido que com ela só teríamos o contato e descobriríamos a locação na próxima ida ao interior.

Nessa primeira viagem tivemos bastante problemas com os equipamentos, iluminação e áudio. Não conseguimos aproveitar absolutamente nada do que foi capturado.

4.2 PRODUÇÃO

No dia 19 de junho de 2019 encontrei com minha orientadora Isabella para ir buscar os equipamentos da gravação com o professor João de Lima. Tudo já tinha sido combinado uma semana antes. Dessa vez conseguimos: 02 Canon 5D, 02 lentes de 50mm, 04 cartões de memória (três de 16gb e um de 2gb para o gravador) uma lapela, um microfone de lapela sem fio Sony UWP-11, um gravador H4N e um headphone da Sony. Todos os equipamentos foram conferidos na sala, mesmo assim tivemos problemas. As duas lentes de 50mm vieram por engano, pois a caixa estava trocada. Na verdade, seria uma de 50mm e uma de 24mm. A intenção era ter dois tipos de planos no documentário: fechado e aberto. Porém, devido ao erro de lente todo o documentário foi realizado em plano fechado. Todas as entrevistas foram realizadas em lugares pequenos, onde não tínhamos muito espaço para recuar, o que dificultou um pouco de conseguirmos planos médios ou mais gerais com a lente de 50mm, mas o acontecimento acabou definindo uma questão estética marcante no documentário, que se trata da predominância dos primeiros planos das personagens.

Nossa segunda viagem foi no dia 20 de junho de 2019. Dessa vez estávamos mais articuladas devido aos problemas da primeira viagem, então nos programamos melhor. Dessa vez fomos eu, Letícia Freitas, Isadora Lira e Thayse Rocha. Saímos de João Pessoa no dia 20 de junho de 2019 às 07h e chegamos em Caicó (RN) por volta das 13h. Ocorreu um atraso em razão da estrada esburacada, o pneu saiu um pouco da roda, mas o problema foi resolvido assim que chegamos na cidade de Caicó. Tivemos sorte de encontrarmos um mecânico com oficina aberta em pleno feriado. Encontramos com Mislene e fomos para a casa dela, local da gravação e onde ficamos hospedadas. A entrevista durou cerca de 1 hora.

No dia posterior fomos até a casa de Jéssica, onde realizamos a gravação dela. Ocorreu tudo bem. A entrevista também durou em média 1 hora. Optamos por gravar no começo da tarde pois queríamos usar a luz natural.

Logo após a entrevista de Jéssica, partimos para Patos. Nessa segunda viagem pensamos em incluir mais uma entrevistada no documentário. Como a cidade de Patos estava em clima de São João, pensamos em entrevistar uma das cantoras que iriam se apresentar na festa da cidade. Inicialmente tentamos entrar em contato com Jéssica Caetano, cantora e escritora do sertão do Pajeú. Vimos que ela estava em Patos, mas infelizmente ela não estaria mais na cidade no período em que nós estaríamos por lá. Conseguimos então entrar em contato com Sayô Silber, que topou de primeira participar.

Enquanto estamos na viagem para Patos, entramos em contato com ela e assim que chegamos nos encontramos no Vênus Bar, local onde foi sediado o São João alternativo da cidade. Eu já tinha conhecido o Vênus Bar na minha ida anterior a Patos, mas como tudo foi decidido de última hora eu não sabia como seria realizada a gravação nessa locação. Posso dizer que ocorreu tudo bem na gravação, tirando apenas o barulho que fazia e as pessoas que ficavam circulando à todo momento em frente a câmera, pois estava sendo montada a estrutura para a festa que ocorreria no mesmo dia à noite.

No dia posterior nos encontramos com Mariana. A gravação ocorreu na casa de um amigo dela, o Lucas, já que não tinha como ser na casa dela e foi o local onde ela se sentiu mais à vontade. Mas tivemos um leve problema com a nossa direção de arte, pois o lugar era desconhecido e não tinha muita cor e nem muitas possibilidades para ser organizado. Conseguimos realizar a gravação no fundo da casa do Lucas, mas esteticamente não ficou legal devido à falta de elementos para dar cor e autenticidade ao cenário.

A última gravação aconteceu na casa de Rose. Também tivemos alguns problemas com barulho da rua, apesar de ser uma locação tranquila, estava acontecendo festividades de São João na cidade. Na rua que Rose reside, há uma tradição de realizar um caminho de bombas pela pista, então tivemos muito barulho de carro de som, crianças gritando e bombas explodindo, o que tirava a atenção constante de todos os que estavam envolvidos.

4.3 PÓS PRODUÇÃO

Os processos de pós-produção foram iniciados algumas semanas depois da finalização das gravações. O primeiro passo foi analisar as imagens e sons captados das entrevistas. O primeiro a ser analisado foram as imagens, junto com Isadora assisti todas as entrevistas e realizamos a decupagem do material. Anotamos no papel todos os

momentos importantes e o que não iria entrar em cena. Esse momento foi muito difícil para nós, pois devido ao tempo curto que o filme deveria ter, cenas bastante importantes tiveram que ficar de fora para o filme ter uma linha do tempo bem fechada. Foi nesse momento de análise das imagens que senti que estava faltando algum elemento para contextualizar o espaço do nosso filme. Foi nesse momento que entrei em contato com Alex Costa, fotógrafo especialista em imagens aéreas, através do instagram¹³. Escrevi uma mensagem para ele solicitando a compra das imagens aéreas das cidades de Patos (PB) e Caicó (RN), no mesmo momento o Alex me respondeu e me surpreendeu ao ceder gratuitamente as imagens para este filme.

O segundo passo foi escutar os áudios das entrevistas. Ao exportar os áudios percebemos que estavam com problema, havia muito ruído, em alguns momentos era realmente impossível ouvir a voz das entrevistadas. Recorri à minha orientadora Isabella e logo em seguida a mesma entrou em contato com Lucas Brandão, servidor responsável pelo laboratório de áudio e som do Departamento de Mídias Digitais (DEMID/UFPB) e coordenador do projeto de extensão Deck Livre!

. Enviamos uma amostra de áudio para Lucas que logo em seguida deu o diagnóstico: clipe de som e clipe digital. Esse problema de clipe de som é facilmente corrigido, ele se deriva de pequenos barulhos que acontecem no ambiente. Já o clipe digital, é um problema que pode ter ocorrido devido a alguma má conexão de cabo, interferência e mau funcionamento de algum equipamento.

Para solucionar esse problema, tive que realizar primeiramente toda a montagem do filme. O software utilizado para realizar a montagem foi o Adobe Premiere.

Após a montagem finalizada, realizei a exportação do áudio do filme para enviar para Lucas. O professor me convidou para participar de uma aula do projeto de extensão *Deck Livre!* no DEMID. Aceitei o convite e em 4 horas o problema do áudio foi 90% resolvido. Devido a esse problema de som, algumas partes do filme tiveram que ser eliminadas da linha do tempo.

A correção de cor foi realizada dentro do Adobe Premiere utilizando um plugin chamado Film Convert. A correção foi automática do próprio plugin.

¹³ Instagram é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos.

4.3.1 TRILHA SONORA

Inicialmente a trilha sonora iria ser Asa Branca, a música mais famosa de Luiz Gonzaga. A primeira montagem foi realizada com esse tema, mas ao me reunir com Isadora e Letícia, optamos em ir por um conceito mais de contemporaneidade pois o sertão vai mais além de Asa Branca.

Então optamos por uma trilha original e a prioridade era que ela fosse composta por uma mulher sapatão. Depois de longas conversas chegamos até Luana Flores. Luana é DJ, percussionista e *bitmaker*. Natural de João Pessoa iniciou sua carreira em 2007 como baterista de uma das primeiras bandas só de mulheres da cidade, a banda Bárbara. Como uma das fundadoras do grupo Coco das Manas, após essa vivência ela resolveu se aprofundar mais na cultural regional do empoderamento feminino. Luana mescla instrumentos regionais com instrumentos eletrônicos, uma das suas características musicais é inserir a cultura popular regional/sertaneja na contemporaneidade.

Ao iniciar a produção, Luana se preocupou na utilização de instrumentos regionais/sertanejos. Como a ideia era começar com um clima melódico devido as poesias, ela utilizou a rabeca. Após a escolha do primeiro instrumento, Luana incorporou o bit eletrônico que conversou perfeitamente com o primeiro instrumento escolhido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do curso este era momento que eu mais temia. Sempre fui muito insegura e tento até hoje romper com esse problema, posso dizer que sou o oposto do que é ser uma mulher geminiana. Imaginei vários temas que poderiam ser abordados e acabei parando em minha própria vivência como mulher lésbica.

Vivemos em tempos difíceis e me sinto extremamente privilegiada de poder fechar esse ciclo da minha vida em meio a esse momento de desmonte generalizado à Educação brasileira. Nossas universidades federais, bem como as Instituições de fomento à pesquisa, tiveram suas verbas cortadas e temo que os meus colegas de períodos anteriores não se formem e que outras pessoas não tenham mais direito a uma graduação pública de qualidade.

Espero que esse produto possa ser uma representação positiva de nossas existências e somar nos poucos materiais que existem sobre nós, e que mais mulheres se sintam confiantes e inspiradas o suficiente para realizar produtos como esse. Resistimos.

REFERÊNCIAS

AMADO, J. **Região, sertão, nação**, 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/1990/1129>>.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2º ed. [S.l.]: [s.n.], 1967.

COSTA, A. A. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**, 2008. Disponível em: <http://www.reprolatina.institucional.ws/site/respositorio/materiais_apoio/textos_de_apoio/Genero_poder_e_empoderamento_das_mulheres.pdf>.

COSTA, L. P. D. **Apokaliptas - A fuga da mulher sapatona rumo ao fim do mundo**. Relatório de Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Comunicação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

DIAS, Maria Clara, PERES, Milena Cristina Carneiro e SOARES, Suane Felipe (org.). **Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: de 2014 até 2017**. Rio de Janeiro: Livros ilimitados, 2018. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/Dossi%C3%AA-sobre-lesboc%C3%ADdio-no-Brasil.pdf>>

DUARTE, Constância Lima. **Memoricídio: o apagamento da história das mulheres na literatura e na imprensa**. In: Mesa Plenária 1: Resistência e Feminismos, Aracaju, 2019: Anais.

FILHO, F. D. A. **Sobre a palavra “sertão”: origens, significados e usos no Brasil**, 2011. Disponível em: <http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_ver_sao_internet/AGB_dez2011_11.pdf>.

JÚNIOR, W. D. C. B. **Família, condição feminina e violência no Ceará no final do período colonial**, 2011. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF25/Artigo_13_Walter_de_Carvalho_Braga_Junior.pdf>.

LESSA, Patrícia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividades (Brasil, 1979-2006)**. 2007. 261 f. Tese (Mestrado em História) -Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/3411>>.

MELO, C. T. V. D. **O documentário como gênero audiovisual**, 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/24168>>.

MENDONÇA, A. **A identidade de gênero no jardim de infância - Que construção social?** 2010. Disponível em: <<https://www3.uma.pt/alicemendonca/2010.pdf>>.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário**. 5º. ed. [S.l.]: [s.n.], 2010.

PEIXOTO, H. C. B. **Webdocumentário: a representação da ótica documental no ciberespaço**. 2015. 168 f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5021>>.

RICH, A. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>>.

SCOTT, J. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica**. [S.l.]: [s.n.], 1989. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/Gênero-Joan%20Scott.pdf>.

SELEM, Maria Célia Orlato. **A Liga Brasileira de Lésbicas: produção de sentidos na construção do sujeito político lésbica**. 2007. 192 f. Dissertação (Mestrado em História) -Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/2397>>.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Democracia e os códigos invisíveis como os algoritmos estão modulando comportamentos e escolhas políticas**. Editora: Sesc. São Paulo, 2019.

SOARES, G. S.; COSTA, J. C. **Movimento lésbico e Movimento: recuperando encontros e desencontros**, dezembro 2012. Disponível em: <https://www.mp.ba.gov.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-populacao-lgbt/artigos_teses_dissertacoes/movimento_lesbico_e_movimento_feminista_no_brasil_recuperando_encontros_e_desencontros_1.pdf>.

SWAIN, T. N. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Editora brasiliense s.a., 2004.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE RADIALISMO

ATA DE DEFESA DOS TRABALHOS DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 18 dias do mês de setembro, do ano de 2019, realizou-se nas dependências do Departamento de Comunicação da UFPB a cerimônia de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Velas: conversa com sapateiros sertanejos, apresentado pelo (s) aluno (s):

Juliana Rodrigues de Miranda Matrícula 11424216
Matrícula 2

examinado pelos professores:

Isabella Chagrea B. R. do Valle Orientador (a), Nota: 9,0 Bole
Alon Fongelizer Lourenco Membro da Banca, Nota: 9,0 Bo
Suelly Moura - Sousa Membro da Banca, Nota: 9,0 Bole
e aprovado (s) com média: 9,0 (nove)

Na qualidade de presidente dos trabalhos, lavro esta ata, a qual dou fé e subscrevo.

João Pessoa, 18 de setembro de 2019

Isabella Valle
Presidente da Banca



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE RADIALISMO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Discente: Juliano Rêgo de Aguiar

Matrícula: 11424216

Título do Trabalho:

Plano - Conexões com Espetores Sertanejos

Professor (a) orientador (a): Isabella Chaves B. R. do Valle

Professor (a) co-orientador (a): Isadora de Teixeira Lima

Declaro, a quem possa interessar, que o presente trabalho é de minha autoria e que responderei por todas as informações e dado nele contidos, ciente da definição legal de plágio e das eventuais implicações.

João Pessoa, 18 de Setembro de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE RADIALISMO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE DIVULGAÇÃO

Eu, Juliano Roberto de Almeida,
portador do RG de nº 4146415, inscrito no CPF sob o nº
0540351498, acadêmico regularmente matriculado sob a matrícula
11424215, no Curso de Radialismo da UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA, autorizo que a IES ou meu orientador divulgue a obra intitulada
" Volcano - convergência com Sapateira Santana "

em qualquer canal de comunicação e que a mesma seja encaminhada para submissão e
posterior publicação em eventos e/ou periódicos de caráter científico, desde que seja
preservada a autoria da obra, e até que cesse esta autorização.

João Pessoa, 18 de Setembro de 2018.

Juliano Roberto de Almeida
Assinatura do (a) discente



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE RADIALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, Juliano Dely A. Viana,
aluno (a) regularmente matriculado (a) no Curso de Radialismo, matrícula
11424216, na disciplina TOC II, assumo
total responsabilidade sobre o Trabalho de Conclusão de Curso de minha autoria e
autorizo sua divulgação na web, assim como seu armazenamento na forma que dispuser
a UFPB.

João Pessoa, 18 de Setembro de 2019.

Juliano Dely A. Viana
Assinatura do (a) discente